

e-books

NÚCLEO DE FORMAÇÃO

Mito, Linguagem e

Mídia

2



Copyright © 2020 Brasil Paralelo
Os direitos desta edição pertencem a Brasil Paralelo

Editor Responsável: Equipe Brasil Paralelo
Revisão ortográfica e gramatical: Equipe Brasil Paralelo
Projeto de capa: Equipe Brasil Paralelo
Produção editorial: Equipe Brasil Paralelo

Morgenstern, Flávio

Mito, linguagem e mídia: Aula 2

ISBN:

1. Mito 2. Linguagem 3. Mídia

CDD 400

Todos os direitos dessa obra são reservados a Brasil Paralelo.
Proibida toda e qualquer reprodução integral desta edição por qualquer meio ou forma, seja eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução sem permissão expressa do editor.

Contato:

www.brasilparalelo.com.br

contato@brasilparalelo.com.br

SINOPSE

Neste e-book, segundo dentre quatro do curso “Mito, Linguagem e Mídia”, com Flávio Morgenstern, continuamos nossa jornada para compreender como ocorreu o surgimento da linguística e de que forma esta se opõe à filosofia. Também exploramos as diferentes funções que as palavras podem apresentar e a forma como essas funções são utilizadas nos discursos atualmente.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Ao final desse e-book, pretende-se que você saiba como a linguística surgiu; quais os desafios impostos pela linguística moderna; quais as funções das palavras;

RÁPIDOS ESCLARECIMENTOS

No e-book anterior, identificamos problemas que ocorreram durante o desenvolvimento da filosofia e como estes implicaram em empecilhos para a linguagem em si e para as línguas. Também mencionamos brevemente dificuldades postas à linguística moderna.

Antes de prosseguirmos para o conteúdo deste e-book, é preciso esclarecer que filósofos que trabalham com linguagem não são, necessariamente, filósofos da linguagem. Sócrates, por exemplo, não era um filósofo da linguagem, ainda que tenha diuturnamente lidado com esta.

O SURGIMENTO DA LINGUÍSTICA

Uma parcela considerável dos filósofos do século 19 pensou acerca das questões envolvendo a linguagem e a língua. Em sua maioria, eram tradutores, e muitos pertenciam ao romantismo alemão que, apesar de seu teor nacionalista, traduziu obras das línguas mais diversas como sânscrito, grego e até mesmo o persa antigo.

A evolução tardia desse movimento está presente em Schopenhauer. Ainda que crítico aos expoentes do nacionalismo alemão, em seus escritos, esse pensador destacou a importância do poliglôtismo para o desenvolvimento intelectual. Em sua perspectiva, o aprendizado de uma nova língua não significava apenas aprender novas palavras, mas igualmente introjetar novos conceitos, novas estruturas de pensamento. Em outros termos, aprender uma nova língua era equivalente a aprender uma nova forma de pensar. Para evidenciar ainda mais a relevância de ser

poliglota, Schopenhauer também chamava atenção para o fato de que somente é possível pensar sobre certos objetos em línguas específicas. O sânscrito é um exemplo disto, pois apresenta seis palavras distintas, as quais não são traduzíveis, para denominar diferentes tipos de respiração.

Como estavam traduzindo muitas obras, esses filósofos pensavam acerca dos desafios impostos por essa atividade. Não à toa, a linguística surgiu precisamente nesta época.

Embora tenha sido desenvolvida em diversas culturas diferentes, a Bíblia é outro exemplo. Em suas três primeiras palavras - "*bereshit bará elohim*" -, o livro apresenta obstáculos para ser transposto para outra língua.

O primeiro problema é o fato de *bará* estar no singular enquanto *Elohim* está no plural. É como se estivesse escrito: Deuses criou. Aparentemente, há um erro de concordância. Isso acontece porque, assim como, no português, utilizamos a segunda pessoa do plural (vós) para demonstrar autoridade, em outras línguas, é a terceira pessoa do plural que exerce essa função. Deste modo, é possível que o plural esteja presente a fim de cumprir essa finalidade. Contudo, há discussões para entender por que o verbo *bará* está escrito no singular.

Outro ponto. A palavra *Bereshit* foi traduzida como "no princípio". Esse *b* equivale a nossa preposição em, indicando "em um lugar". *Reshit*, por sua vez, foi traduzido como princípio. No entanto, no hebraico, somente as consoantes constam na grafia, sendo as vogais excluídas da escrita. Por isso, *reshit* está escrito *rsht*. *Rsht* foi traduzido como princípio porque realmente indica primeira coisa, aquela coisa que dá origem a algo. Só que, como somente as consoantes estão marcadas, é possível ler a palavra com a inclusão de vogais distintas, o que resultaria no significado cabeça. Ou seja, "no princípio criou Deus" não está necessariamente fazendo referência à criação física do mundo. Nesse sentido, muitos, por desconhecerem o hebraico, apontam uma contradição no início da Bíblia, como se Deus houvesse criado o mundo duas vezes. Como seria possível saber isso lendo ou a *vulgata* ou a versão do Lutero? Para identificar tais complexidades, foi preciso conhecer o hebraico.

É precisamente este o caldo cultural que vai propiciar o surgimento da linguística moderna.

O PAPEL DO ROMANTISMO ALEMÃO

No final do século 18, início do século 19, o romantismo alemão inteiro estava focado na busca de traduções e tradições, tanto alemãs quanto de outras nacionalidades. Ao realizarem traduções do persa, do sânscrito, do grego, os expoentes desse movimento expuseram a existência de várias culturas. A propagação da ideia de que não existia somente o cristianismo no mundo, engendrou o enfraquecimento da visão cristã. Conseqüentemente, no romantismo, tem início o ateísmo e há um reavivar do paganismo.

Alguns desses nacionalistas identificaram nas tradições orais, compiladas sobretudo pelos Irmãos Grimm, a grande tradição germânica, que desde o Império Romano havia levado a alcunha de bárbara. Por se reconhecerem como os germanos, os bárbaros, os godos, visigodos, ostrogodos, buscaram reviver as culturas desses povos.

Eles apresentavam um conhecimento gramatical muito aprofundado e começaram a estudar muitas línguas e traduções. O resultado é esse caldo cultural que vai ser chamado de linguística. Esses estudiosos perceberam que a língua variava com o passar do tempo e que apresentava suas próprias histórias. Prova disso era que os alemães que participavam do romantismo tinham extrema dificuldade em compreender os cânticos de amor medievais escritos em alemão, sendo que, supostamente, tratava-se do desenvolvimento da mesma língua. Por isso, nesse primeiro momento, a linguística estava centrada no estudo histórico da língua.

LINGUÍSTICA HISTÓRIA E LINGUÍSTICA ESTRUTURAL

A linguística, na modernidade, é chamada por muitos de linguística estrutural, pois desembocou no estruturalismo, apesar de esta não ser uma necessidade original. Essa linguística, que surge no início do século 20, na Suíça, com Ferdinand Saussure, pode ser diferenciada da linguística histórica.

Ferdinand Saussure era professor e seu curso de linguística geral foi, na verdade, um conjunto de aulas compilado por três dos seus alunos.

O conhecimento de Saussure sobre diversas línguas era tão profundo que chegou a realizar um estudo sobre o *wichita*, uma língua que sequer apresentava literatura. Na época, havia um problema que os estudiosos estavam tentando compilar da gramática do *wichita* e ele chegou a conclusão de que existia uma semivogal que não estava sendo escrita nos textos e que, com sua inclusão, seria

possível explicar o problema. Depois da morte de Saussure, confirmaram que esta sua tese estava certa. Era, portanto, um homem que entendia muito de línguas. No entanto, a maioria de seus artigos contemplavam o campo da filologia, o estudo histórico da língua.

Pouca gente sabe, mas o filólogo mais famoso do mundo foi Nietzsche. Goste-se dele ou não, é preciso reconhecer o seu talento para escrita. Suas obras elevaram a língua alemã a um novo patamar. Tal feito deve ser considerado ainda mais levando-se em conta que o tempo de Nietzsche para escrever era muito exíguo, pois sofria de crises de Sífilis, sendo constantemente assaltado por dores agudas. Mesmo assim, ele conseguiu criar uma linguagem própria, bastante poética, dentro da língua alemã. Seu caráter poético permitiu-lhe comprimir muito conteúdo em poucos espaços. Seu excepcional desempenho dá provas dos benefícios de se estudar filologia.

À parte feito, retornemos a Saussure, que se embrenhou na criação de algo distinto da linguística histórica ao estudar a estrutura interna das línguas, adicionado um novo desafio aos problemas que haviam sido postos por Sócrates.

Enquanto a gramática medieval buscava estabelecer a palavra correta para o termo correto, a gramática normativa, existente em nossa vida cotidiana, é uma compilação do melhor uso que as palavras ali presentes tiveram. Por isso, a gramática está tão atrelada à literatura e é quase necessariamente correlata à escrita. Uma língua que é exclusivamente oral, tribal, não pode ter uma gramática por ser ágrafa. Com a linguística moderna, passou-se a estudar não a estrutura da gramática normativa, mas sim as estruturas internas da língua em uso.

Por exemplo: no português brasileiro padrão, utilizado no século 21, há pessoas que falam “nóis vai”. Dentro da gramática normativa, essa frase está errada. No entanto, isso é uma questão do uso da língua e é possível entender o que a pessoa quer dizer. Aliás, muitas palavras ou orações que eram faladas de forma equivocada entraram para gramática por conta de seu emprego excessivo.

Isso ensejou discussões acerca do tema entre os linguistas, a ponto de alguns inventarem o chamado preconceito linguístico. Tal preconceito é conhecido, no Brasil, devido à era do PT no poder, que estava tentando implementar essa ideia no país. O preconceito linguístico é uma ideologia aplicada ao estudo gramatical da gramática normativa e inclui a perspectiva de que devemos ensinar as crianças a falarem errado

dentro da sala de aula, para que o preconceito com que não tem o domínio mínimo do português seja eliminado. É impressionante, mas há livros sobre o assunto.

LINGUÍSTICA E FILOSOFIA - UMA DIFERENÇA SUBSTANCIAL

Na linguística estrutural, o uso da língua será o centro da análise. Nessa circunstância, esbarramos em um problema abordado no *e-book* anterior.

Imagine o uso da palavra democracia. O uso dessas palavras, que, no discurso, deveria ser mais elevado, que nós deveríamos estar buscando conceitos, começa a determinar não mais um conceito, não mais a palavra socraticamente definida, não mais aquilo que é filosófico, que é um conhecimento científico, mas se busca justamente o uso corrente. Isso significa que a validade passou a ser concedida a partir do uso dentro de uma comunidade linguística.

Percebam a dificuldade que isso representa ao ter em mente que a linguística não é uma filosofia nem uma opinião, mas objetiva ser a ciência da língua oral. A linguística estrutural entende a escrita como uma forma elevada da língua, uma vez que todas as línguas são, inicialmente, orais. Por isso, primeiro, é preciso estudar o código oral.

Apesar de todos os ganhos proporcionados pela linguística estrutural, esta disciplina gerou um problema, pois boa parte do trabalho que foi feito, dentro desse campo, proporcionou uma legitimação de tudo que possa ser dito. O que a linguística usa e o que a filosofia quer pensar são duas coisas diferentes, sendo que a linguística apresenta uma autoridade, pelo menos artificial, autointitulada, de ser ciência. Por isso, quase todos os filósofos do século 20 que nos renderam problemas, como Foucault e Lacan, estudaram linguística.

A estrutura básica que Saussure vai definir para este estudo mais científico da língua é o signo linguístico. Este é constituído de dois elementos: o significante e o significado. Neste caso, estamos falando apenas da linguagem oral e não estamos pensando ainda no signo escrito. Este significante, também chamado de imagem acústica, é o som da palavra, o qual identificamos como sendo de uma palavra. O significado, por sua vez, apresenta a acepção padrão que já conhecemos: o significado de uma palavra. Isso cria um problema muito sério, complexo, a ser resolvido, tendo em vista que boa parte das palavras de uma língua apresentam mais de um significado, uma polissemia. Para piorar, esses significados formam novos

significados entre si. Há palavras que dependem justamente de outras palavras para formar significado.

Uma vez mais, pensemos na relação que essa ciência estabelece com a filosofia. Sócrates chamava atenção das pessoas o tempo inteiro para o fato de não utilizarem as palavras atreladas a um conceito fechado, a uma essência do que é aquilo. A linguística faz exatamente o contrário. Ela se rebaixa para apontar que, no uso corrente, há pessoas que falam “nós vai” e como é possível entender o significado disso, este é um código existente na língua portuguesa. Vejamos outro exemplo. Quando alguém fala “os menino”, compreende-se que há o emprego do plural. Contudo, “o meninos” não é um código na língua portuguesa, pois não se sabe se isso é plural ou singular. Quando se estuda o uso, há uma série de elementos que despertam confusão.

Se existe significante e significado, estamos falando de uma comunidade linguística específica. No caso, a comunidade dos falantes de português do Brasil. Quando se vai determinar várias línguas falando mais ou menos das mesmas coisas, é possível perceber que esses signos não são compatíveis entre si. Como eu também já mencionei, não há sinônimos perfeitos. O título “Misto-Quente” de Bukowski, por exemplo, é uma tradução literal de “Ham on Rye”, o nome original da obra. Contudo, misto-quente, dentro do contexto da língua americana, indica um consumo de pessoas pobres, semelhante ao pão com mortadela para os brasileiros. Misto-quente, no Brasil, não é associado à pobreza. Ou seja, embora a tradução tenha sido teoricamente fiel, as duas palavras não apresentam a mesma conotação. Como a língua está em uso, o tempo todo está sendo manipulada e transformada.

AS FUNÇÕES DAS PALAVRAS

A filosofia medieval, ao tratar dos conceitos das palavras, estava sempre pensando nas dez categorias do Ser de Aristóteles. A partir disso, os filósofos medievais definiram as funções das palavras. As palavras, tal como democracia, podem ter uma função descritiva. Neste exemplo, significa que a palavra “democracia” em sua função descritiva é usada para descrever o sistema de governo específico dentro de um país. Simultaneamente, “democracia” pode ter uma função apelativa. Neste caso, não se quer apenas descrever. A palavra é usada a fim de que o interlocutor execute uma ação, tome uma atitude, ocupe uma posição em relação ao que se está dizendo.

Conforme comentado, nos debates políticos hoje, os candidatos sempre acusam um ao outro de ser antidemocrático. Isso deriva do fato de a palavra democracia ter perdido seu significado socrático-platônico, que era inclusive negativo, para ser compreendida como sinônimo de bondade, tolerância, simpatia aos pobres. Todos os aspectos positivos estão associados ao termo democracia.

No Brasil, durante uma época, as três palavras “mágicas” eram democracia, social e trabalho. Excetuando-se poucas exceções, todos os partidos políticos carregavam alguma ou todas essas palavras em seus nomes. Tal fato denota o tamanho da força que essas palavras possuem. O termo social-democracia, por exemplo, foi utilizado pelo Lênin, pelo Keynes, pelo PT. Ou seja, o termo foi empregado por pessoas completamente diferentes umas das outras.

Tal qual a frase “o verdadeiro Marx foi deturpado”, com frequência escutamos que “a verdadeira democracia não é isso”. Não existe verdadeira democracia. Caso se queira a verdadeira democracia, é preciso retomar Sócrates e compreendê-la como algo negativo. E, como já foi abordado, não há sequer mais o conceito de que o governo de muitos possa ser negativo. Essa é a dimensão da complicação que temos nas mãos no século 21.

A perda do sentido original da palavra democracia também culminou na proliferação massiva de conceitos distintos. Cada autor que escreve um livro sobre o tema, emprega uma compreensão específica acerca do termo. Ou seja, de antemão não é possível saber ao que ele se refere quando utiliza a palavra “democracia”. Mas todas apresentam apelo. Ou seja, a função apelativa é gigantesca.

O PCdoB é o partido da velha guarda comunista. Quando os guerrilheiros armados conseguiram sequestrar embaixadores durante o Regime Militar, exigiam que a Rede Globo lesse seus comunicados em que defendiam a ditadura do proletariado. Hoje, eles pararam de usar esse termo e pintaram o logo de roxo. Em seu site, são poucas as menções ao socialismo. Atualmente, o PCdoB acusa Bolsonaro de ser antidemocrático. Eles também afirmam que piadas com mulheres e homossexuais são antidemocráticas, apesar de, no passado, não falarem em momento algum sobre democracia. Essas manifestações não estão no reino conceitual e nem no descritivo. Essas pessoas não conseguem descrever o que é democracia. Está-se no reino puramente apelativo. É a função apelativa da linguagem.

A função apelativa funciona porque as palavras e a linguagem apresentam uma função psicológica. Há palavras que estão associadas a bons sentimentos,

inclusive as palavras que são usadas para expressar sentimentos, como é o caso do amor. Amor é uma palavra bem associada. É difícil pensar em coisas ruins quando pensamos em amor. A palavra noite, por outro lado, é o contrário. É possível que alguns dos melhores momentos da sua vida possam ter acontecido à noite, mas, dentro da poesia, “noite” sempre faz referência a momentos mais silenciosos, escuros, sem clareza, por vezes, perigosos. Esses exemplos demonstram que a palavra sozinha, às vezes, tem uma função psicológica fortíssima, que não tem nada a ver com a descrição.

Algumas palavras apresentam uma espécie de simbolismo natural. Reconhece-se algumas coisas como pertencentes ao reino filosófico, palavras como noite, céu. Há uma dimensão psicológica em que as palavras não só são apelativas, como te trazem sentimentos. Qualquer poeta conhece isso muito bem.

A função psicológica da linguagem é acompanhada por um efeito bastante interessante: há palavras que exigem, obrigatoriamente, o pertencimento a um determinado grupo social para serem usadas. Essas palavras são chamadas de *xibolete*. Ao pronunciar esta palavra, o indivíduo está demonstrando pertencer a um grupo específico. Por exemplo: quando você pede para que um paulista e um carioca pronunciem a palavra esporte, ambos são facilmente detectáveis com base em seu sotaque. Lembremos que a linguagem é tribal. Esta função psicológica da linguagem estabelece uma espécie de dentro e um fora.

O mundo das ideologias de hoje é exatamente isso. Por isso, diz-se que o mundo está ficando cada vez mais polarizado. As pessoas usam termos que permitem aos outros facilmente identificar a quais grupos elas pertencem, como coxinhas e mortadelas. Se você pensar nesses *xiboletes*, nesses termos que determinam a que grupo você pertence, você percebe imediatamente com isso funciona. A gíria tem uma função, não é uma aleatoriedade da vida. Com seu emprego, busca-se fechar grupos.

O termo neoliberal é outro exemplo dessa função psicológica das palavras e da linguagem. Quando uma pessoa o emprega, já sabemos seu posicionamento político, pois é possível traçar um dentro e fora - um grupo que o usa (dentro) e um grupo que não o utiliza (fora). A função psicológica, vale frisar, desperta esse pertencimento a um grupo. Por conta disso, perde-se a função apelativa.

Durante toda década de 1990, a esquerda xingou a todos chamando-os de neoliberais. Quando ganharam as eleições, o projeto, que não era neoliberal, acabou

não tendo condições de avançar. A esquerda permaneceu com o discurso contra os neoliberais. Isso fez com que o xingamento perdesse completamente a força. Até hoje, é possível identificar quem não atualizou os termos, quando o Paulo Guedes é criticado por querer criar um ultra neoliberalismo privatista. Essa pessoa não sabe o que está falando, pois o neoliberal é menos liberal do que os liberais. Nesse caso, Guedes seria quase um social-democrata. Os termos, *xiboletes*, permitem a identificação da classe social, dos valores daquela pessoa ou grupo.

Estamos em um tempo bastante ideológico, em que há um crescimento da função apelativa e uma rarefação da busca por um conceito perfeito, socrático. Quando se fala que cada vez mais as pessoas estão politizadas, isso desperta receio, porque politizada também significa ter alguns dos trejeitos da linguagem eleitoral, sobretudo na era da democratização e da linguagem de massa. Isso significa que todo mundo está falando o tempo todo como se fosse marketeiro político, como a pessoa que escreve os discursos para ganhar a eleição.

Giorgio Agamben pegou o conceito de Saussure de signo, formado por significante e significado, e afirmou que existe uma primazia do significante sob o significado. Isso é perigoso, pois expressa que o som da palavra vale mais do que seu significado.

Nossa linguagem, atualmente, está extremamente impressionista. Tem-se um condicionamento para as pessoas reagirem de uma maneira específica, ordenada, coordenada, para determinados fins. Se estamos lidando com um reino “desconceitual” e estamos inseridos em um reino puramente impressionista, pessoas que estão querendo ter um pensamento mais elevado, mais filosófico, mais verdadeiro, precisam atuar em duas frentes ao mesmo tempo.

Novamente, vamos utilizar o termo democracia como exemplo. Apesar de saber o significado platônico de democracia, eu não posso sair na rua e dizer que sou contra a democracia. É preciso adequar o meu pensamento à linguagem corrente. Caso isto não seja feito, perde-se a função apelativa adequada. Isso quer dizer que esse discurso não é capaz de convencer às pessoas que ainda não aderiram às ideias que foram expostas. Há, simplesmente, o reforço de seu próprio grupo. A linguagem que reforça grupos é muito boa enquanto se está no poder. Mas ela não significa uma vantagem na próxima disputa eleitoral. Esse foi o problema da esquerda brasileira - e está se tornando da esquerda norte-americana - nas últimas eleições. Durante toda a década de 1990, a esquerda apontou a desigualdade social como o grande problema

brasileiro e conseguiram ganhar quatro eleições com esse discurso. Desde o período do império, a desigualdade social vinha diminuindo. O salto, no Brasil, e em outros países, nesse sentido, deveu-se ao avanço da tecnologia. O governo do PT coincidiu com o *boom* da Internet. A internet apresenta uma vantagem que depõe contra o nome dos Partidos dos Trabalhadores, pois há uma forma de trabalho e de riqueza, hoje, que não está associado ao trabalho manual. O PT, supostamente o partido dos sindicalistas metalúrgicos do ABC, detém maior apoio entre *youtubers* e atriz da Globo, do que entre a classe trabalhadora brasileira. Mesmo depois de estar no poder, o PT manteve o mesmo discurso: achincalhar os ricos e destacar a elevação que promoveu na qualidade de vida das pessoas pobres. Ou seja, desigualdade social. No entanto, os problemas brasileiros não estão relacionados à desigualdade social. Fazer uma vinculação entre pobreza e criminalidade é, inclusive, uma ofensa aos moradores da periferia. Resumidamente, o discurso do PT, como todos, é tribal, e faz uso de uma função apelativa que funcionou em um determinado período histórico cujo apelou, hoje, desapareceu. Por isso, houve a migração para ideologia de gênero. O reino da ideologia é um reino exagerado em que se passa a ignorar completamente a realidade e ficar apenas no mundo do discurso.

Heidegger, que era um filósofo que se opunha à filosofia da linguagem, afirmava que a morada do ser é a linguagem. A interpretação dada é que, com isso, ele queria expressar que não existe realidade, somente língua. Neste caso, eu adotaria uma perspectiva mais complacente.

O homem é o ser da linguagem *per si*. Há uma conformidade entre os linguistas e os filósofos da linguagem de que somente o homem possui linguagem. O homem é o ser da linguagem. O problema é que toda nossa interpretação do mundo passa pelo filtro da linguagem. Não há uma relação direta com a mesa, com o que diz uma pessoa, com a democracia, sem passar pelo filtro da linguagem. Toda nossa relação com os objetos é intermediada.

A linguística moderna, os estruturalistas, como Foucault, Sartre, Deleuze, desfizeram-se da verdadeira filosofia e adotaram uma forma de expressão extremamente empolada. Por isso, normalmente, as pessoas, impressionadas, entendem muito pouco do que eles defendem, e se tornam incapazes de perceber que suas produções são anti filosóficas. O discurso impressionista causa a sensação de que se está diante de uma autoridade, quando, na verdade, não se está.

A filosofia moderna, do século 20, formou as bases da esquerda atual, que não está vinculada aos aspectos econômicos do socialismo, mas sim aos discursos acerca do lumpesinato, dos gays, das prostitutas, dos criminosos, promovendo até mesmo a política do desencarceramento. Isso acontece justamente através das implosões de conceitos e de um reino em que se lida simplesmente com o que as palavras e alguns termos causam dentro de determinados grupos linguísticos.

Vamos aprender no próximo *e-book* que essas palavras estão associadas a grandes autoridades políticas, burocráticas, inclusive intelectuais, no pior sentido possível.